

NO CENTENÁRIO DE JOSÉ MARTÍ

Função histórica do poeta (*).

Entrar no estudo, ainda que breve e circunstancial, de José Martí, é sempre um grato mister. E, nestes dias, a afeição intelectual se agita suavemente, pela emoção. Porque se trata de recordar uma personalidade hispano-americana, cuja projeção se fez e se faz continental e até universal, com seu exemplo, e justamente em nossos dias. A personalidade de José Martí, cubano, cujo nascimento completa cem anos, agora.

Cuba, sua amada pátria, chegou a esta efeméride, palpitando de sentimento. Em 1950, na Universidade de Havana, inaugurou-se solenemente a Cátedra Martiana, com um professor que haverá de renovar-se anualmente, para manter em perseverante atualidade, o estudo e a interpretação da vida e obra de José Martí. Será, por outro lado, uma veneração rejuvenescida, entre os universitários daquele país. Compatriotas seus, de hoje, vêm-lhe dedicando, voluntariamente, a flor de seus estudos e trabalhos. E' o caso admirável do intelectual Félix Lizaso, iniciador e cuidadoso diretor do "Arquivo José Martí", em quem a dedicação ao pensamento da imarcescível figura, data de vinte anos, com uma atividade especializada (1).

*

Quem foi Martí?

Antes de tudo, foi um patriota. Viveu e morreu dominado por uma idéia fixa: a independência de Cuba. Mas isto, talvez, não seria bastante para contemplá-lo, agora, em sua magnitude americana. Patriotas tem havido, muitos, e continua havendo. Patriotas de várias classes, dentro da grande espécie. Martí pertenceu a essa jerarquia a que está reclamando a turbacão do mundo presente: a que interpreta Pátria como sinônimo de Humanidade.

(*) — Texto espanhol traduzido pelo Prof. Manoel Cerqueira Leite.

(1) — Félix Lizaso, além de ter a seu cargo o "Arquivo", que soma já uma respeitável coleção de volumes, é autor de "Martí, místico del deber", Editora Losada, 1940; e de "Proyección humana de Martí", que está próximo de publicar-se pela Editora Raigal. Félix Lizaso, que acompanha, com escrupulosa atenção, tudo quanto se realiza e se produz, por motivo do Centenário de Martí, interessou-se, igualmente, pelo que se faça no Brasil, com tal intenção. Foi ele quem me fez chegar o número de homenagem de seu Arquivo e é quem mantém, comigo, correspondência, a propósito da data centenária.

A pequena porção de humanidade de sua terra, como vinculada a tôdas as terras, com todos os seus homens (2). Afinal, era um eterno enamorado da Liberdade, e, para concentrar êsse amor, que era fervente desejo, sonhava com Cuba independente.

Por isto, pôde viver — desterrado de sua pátria, como viveu — passeando, pela Europa e pela América sobretudo, seu sonho, vigorizando seu ideal com as brisas de fora e transformando-o em um ideal comum: nações livres, num mundo livre.

A existência de Martí foi a de um herói romântico, porque a época e êle eram também românticos. Com dezessete anos, sofria a pena de uma severa prisão, por expansões rebeldes, contra o regime colonial, e aos dezoito, a do exílio, longe de seu país e da América. Deportado, na Espanha, faz-se estudante universitário, e gradua-se em Direito e em Filosofia. Assim, vai perfilando-se o retrato de seu temperamento e de sua mentalidade. Desde êste instante, até que morra, palpita uma unidade nos trabalhos de Martí: inquietude e agitação, dinamismo de abnegado conspirador, que produz simpatia e admiração pelas novas Repúblicas hispano-americanas, onde encontra acolhedora hospitalidade, pelo brilho de seu talento e a nobreza de sua causa.

Na Europa, em Paris, agasalha-o Victor Hugo. Nos Estados Unidos, exerce as funções de cônsul da Argentina, Paraguai e Uruguai, e estabelece a sede de suas atividades revolucionárias, em Nova Iorque. Sua propaganda, por todo o continente, é incansável em favor da emancipação cubana. Mas, como diz um biógrafo seu, Martí foi compreendendo que não se tratava só de libertar Cuba, porém de libertá-la, em função da americanidade e universalidade democrática (3). Isto é o que eleva o revolucionário à preeminência do apostolado e à sua extraordinária atualidade, depois de um século de seu nascimento.

Em cada parte física desta América, Martí teve um centro de maior permanência, em seu desassossêgo viajheiro.

No México, onde chegou a viver dois anos, firmou-se como periodista, familiarizou-se com os problemas genuínos da América Continental, conheceu, de perto, as paixões políticas e aprendeu fecundas lições, que lhe serviram depois. No México, encontrou-se com uma plêiade de escritores ilustres, participando, com êles, de um transcendental movimento literário, que haveria de marcar época, na América Hispânica: o futuro modernismo. E, afinal, no México, que, segundo êle, a nação que nunca quis considerá-lo estrangeiro, que o rodeou de amigos e de afetos, encontrou, também, a outra paixão à margem da política. O primeiro forte amor de sua vida, que o levou ao matrimônio e a ser pai. Uma cubana, refugiada com seu progenitor em terras mexicanas, Carmen Zayas,

(2). — "Nostalgia y dolor de Martí", artigo de Andrés Iduarte, em "Nueva Democracia" de Nova Iorque, outubro de 1949.

(3). — Jorge Mañach, em "Perfil de Martí", Arquivo José Martí, n.º 3, Havana, 1941.

que não compreendeu bem ao espôso ou a quem o destino não reconheceu apta para ser a companheira de um homem excepcional.

Na América Central, que, com as Antilhas, era o eixo diamantino da atividade revolucionária de Martí, já que era a proximidade de Cuba, a Guatemala foi outro de seus remansos, no fluir de sua existência infatigável. Remanso breve, como todos os seus. Ali foi mestre, ensinando Filosofia e História, na Escola Normal. Porém, em Martí, não se registra um só fato ou acontecimento vulgar. Como um predestinado a dramático romance, uma de suas alunas, cujo nome passou à história de sua vida, envolto no doloroso e sugestivo episódio de “la niña de Guatemala”, enamora-se dêlo. Alça-o como um ídolo, em seu coração juvenil, e Maria Granados, que assim se chamava “a menina de Guatemala”, vendo frustradas suas esperanças — porque Martí continua fiel ao seu compromisso com a Carmen do México — enferma e morre de amor.

A Guatemala e o México ocuparão um pôsto de honra, nas lutas sentimentais de Martí, como em suas angústias e nas fugazes alegrias de exilado político.

Em seu itinerário continental, também se demorou, na América do Sul, na Venezuela. Já contava com sua glória de escritor, amadurecido ao sol de muitas experiências, reconhecido como inspirado poeta, e prosseguia, singularmente, deslumbrando com sua oratória. Na Venezuela, tomou o pulso da terra que havia sido o berço de Bolívar, o Libertador, e presenciou o cenário onde se forjaram as grandes linhas da estratégia daquele general da Independência Americana. Conseguida a soberania, a Venezuela passava pelas vicissitudes da caudilhagem, um mal genérico, na América Espanhola, e que reforçava o apostolado de Martí, sua visão política e social do continente inteiro, o que êle entendia por justiça universal.

Martí teve o pressentimento de um porvir, para a América Latina, com o caminho erçado ainda de vegetação espinhosa. Problemas de independência econômica, discriminações raciais, com as povoações de índios e negros, complicações de influências capitalistas. Homem perfeitamente da América, de norte a sul. Em Nova Iorque, na imprensa e na tribuna, falava das paisagens, das cousas e dos homens latino-americanos e, em suas peregrinações pela América Latina, falava dos Estados Unidos, com admiração pelo seu gigantesco crescimento e ensinando as claridades intelectuais de um Whitman ou de um Emerson.

Morreu Martí, jovem, com quarenta e dois anos. Mas, após uma vida intensa, cheia de sacrifícios, de emoções, de trabalhos, numa intermitência de impulsos. Mas sem contradições. Desprendendo-se de egoísmos pessoais, num altruísmo sublime de amor e preocupação humanos, irradiando todo o seu ser, com o resplendor inesgotável de seu espírito. Régio espírito que o immortaliza.

Revolucionário romântico, que se fará escutar em todos os tempos. E morreu, num derradeiro intento de revolução libertadora de sua pátria. Caiu em sua própria terra de Cuba, à frente de uma vanguarda de guerrilheiros, nas vésperas de uma independência que êle não haveria de conhecer.

*

Nesta oferenda ao primeiro centenário do nascimento de José Martí, e desta terra do Brasil, e rendendo esta singela homenagem de lembrança, tendo a meu cargo a Cátedra de Literatura Hispano-americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, meu propósito foi falar do grande cubano, como homem de letras, naturalmente. Talvez me haja entendido demasiado, no anterior perfil biográfico de Martí, um pouco à luz da história americana de seu tempo. Perfil muito incompleto e bastante na penumbra. Mas não podia prescindir destas linhas. Porque, na verdade, não há possibilidade de uma crítica construtiva, por muito ligeira que seja, de José Martí, no campo das letras, sem entrarmos bruscamente em sua obra, isolando-o, deliberadamente, de sua personalidade de homem de ação. Estão ambas as personalidades confundidas: o letrado e o revolucionário, o idealista político e o literato. De uma a outra margem, é necessário estender uma ponte e contemplar, do alto desta, como desliza o rio do pensamento de Martí.

Se, aos dezesseis anos — como disse — era condenado como rebelde precoce, contra as autoridades da ilha, não havia completado os dezesseis, quando escrevia um poema dramático, “Abdalla”, onde o protagonista é um herói pela pátria. Antes de tudo — também afirmei — foi um patriota; devia ter acrescentado: e um poeta. Mas poeta, na mais vasta e justa expressão dêste conceito.

Em princípio, sua inspiração se nutriu, singularmente, do sentimento que êle pôs em todos os seus atos e em tôdas as suas atividades. Era um nostálgico de sua terra. Esta posição afetiva, vivendo no destêrro, era o pão de seu temperamento poético e criador. Cantou a liberdade, a mulher, a flor, a amizade, a dor, como em seu canto pela morte da “menina de Guatemala” e cantou Cuba.

Mas, é necessário saber ou demonstrar, se Martí, que foi um patriota exemplar, um exímio orador, um periodista excelente, um batalhador, na arena política de seu tempo, e até um filósofo, era, de fato, simplesmente, um poeta.

Na vida, pode-se fazer poesia, sem escrever versos. Poderíamos interpretar a generosidade, o idealismo, o humanitarismo, a abnegação de Martí, como sendo essa a sua poesia, sendo êsse o poeta. A confusão não tem faltado. Negou-se-lhe a sua condição de poeta, em nome de sua categoria de orador e de escritor em prosa, ágil e vital.

O título que deu a uma de suas produções rimadas foi o de “Versos sencillos”. Julgou-os coisa sem transcendência, como aquelas “florinhas” que, séculos antes, se escapavam das mãos de Frei Luis de León, conforme o místico catalogava os seus belos poemas. Longe está, é claro, Martí, do poeta castelhano, mas vale a comparação, no sentido de que, às vêzes, não é o poeta chamado a julgar sua obra.

Versos singelos, como outros “Versos libres”, os de Martí, que o colocam entre os precursores do Modernismo Hispano-americano, que haveria de expandir-se, triunfalmente, com Rubén Darío. Versos singelos, porque brotaram com a espontaneidade das flôres silvestres, ou porque nasceram, algumas delas, à margem da tempestade que açoitou os desejos de Martí, em momentos de calma e placidez, de consôlo para a dor. Talvez por isto.

Mais: o vate Martí conhece a modulação, logra o achado da imagem feliz, sabe realizar poemas descritivos de beleza suave ou de tom sinfônico.

Sabia fazer versos, até quando vergastava ao tirano, como êstes:

“Del tirano? Del tirano / di todo, di más, y clava / con furia de mano esclava / sobre su oprobio al tirano. / Del error? pues del error / di los antros, las veredas / oscuras, di cuanto puedas / del tirano y del error. / De mujer? Bien puede ser / que mueras de su mordida, / pero no manches tu vida / diciendo mal de mujer.”

O estro tem outras entonações...

Sueño con claustros de mármol
donde en silencio divino,
los héroes de pie reposan.
De noche a la luz del alma
hablo con ellos; de noche.
Están en fila: paseo
entre las filas: las manos
de piedra, les beso: abren
los ojos de piedra; mueven
los labios de piedra; empuñan
la espada de piedra: lloran...

Martí era, naturalmente, poeta. E, possivelmente, porque o era, notável e naturalmente, é que se explica a trajetória de sua ação irrequieta, veemente, desprendida e cavalheiresca. Morrendo de amores por sua terra cubana.

Mañach, a quem já anotei entre seus comentaristas, explica, em uma de suas exegeses, como o lírico se encontra, a cada passo, no transcorrer de sua atividade mental. Não considerando-o propriamente como um pensador e menos como um filósofo, acompanha o critério de Miguel de Unamuno, admirador de Martí, aceitando que a organização mental e espiritual dêste era essencialmente poética (4).

(4). — Artigo citado, de Jorge Mañach, no “Archivo” também citado, pág. 27.

A êste propósito, não concordo com o tema apresentado por Díaz-Plaja, da afinidade dos "Versos libres" de Martí, com o poema de Unamuno, "El Cristo de Velázquez", como contendo algo mais que isto: uma recordação do modelo da versificação martiana, para a estruturação do verso unamuniano. Nem sequer as estrofes comparativas que cita, dos dois poetas, abonam o argumento apresentado (5).

Quanto ao aspecto conceitual da poesia, em que Díaz-Plaja anota também, nesta ocasião, em coincidência Martí e Unamuno, acho-o, da mesma forma, demasiado elástico. Igualmente poderia apresentar-se, com referência a outros casos. Resumir-se-ia, o problema, nessas duas vertentes da poética, a espontânea e a elaborada, que já sentia Bécquer.

A sinceridade e a liberdade, em poesia, são anelos normais, ou, pelo menos, latentes. As reações estéticas, que produziram essa escala de valores, a partir da metade do século passado, e que continuam em nossos dias, não afetam, em nada, aos íntimos reflexos dos verdadeiros poetas, que o que mais desejam é encarnar seu ser, no verso.

O decassílabo livre de Martí, em "Flores del destierro", como em "El Cristo" de Unamuno, é a autêntica expressão do tema narrativo, com profundidades meditativas e que, em Unamuno, se diferencia, sobretudo pela exegese bíblica que faz em seu poema, em explicações dos versículos, como o teria podido fazer um San Juan de la Cruz.

Sem dúvida, o tema da similitude poética, entre êsses dois potentes cérebros, não deixa de ter interêsse; mas continuo crendo que a admiração do autor "Del sentimiento trágico de la vida" e de "Rosario de sonetos líricos", pelo Apóstolo de Cuba, era a simpatia total pela total personalidade de um homem representativo de um caráter, que era o espelho onde queria Unamuno que os homens se mirassem. O catedrático espanhol de Salamanca, tanto enaltecia o lirismo poético de Martí, como a prosa de suas Cartas, modelo de estética literária pessoal. Descobria Unamuno, em Martí, o escritor ubérrimo de idéias, e estas lhe chamaram a atenção, expostas com afabilidade e até com ternura, concretizadas frequentemente na frase precipitada, sucintas na persuasão, na originalidade criadora.

Martí, conhecedor profundo do idioma, com intuição estilística, dominava igualmente o léxico hispano-americano, regional. Por isto é um deleite ler-lhe os artigos que, também em forma epistolar, enviou a "La Nación" de Buenos Aires.

Foi uma surpresa, para mim, êsse Diário, que escreveu de seu punho e letra, relatando sua última aventura, nos meses de abril e maio de 1895, quando Martí desembarcou em Cuba, com a revolução em marcha, epílogo de sua vida (6).

(5). — Revista "Insula", de Madrid, n.º 89, de 1953.

(6). — "Diario de Martí. De Cabo Haitiano a Dos Rios", Ceiba del Agua, 1941.

Félix Lizaso publicou uma grande parte do Epistolário de Martí. E' muito interessante o discurso de Manuel I. Mesa Rodríguez, que integra a obra citada, de homenagem a Martí (7).

Também, quanto à virtude poética que oferecem os versos de Martí, discrepo de Díaz-Plaja, ao qualificar superiores os "Versos libres" aos "Versos sencillos". Precisamente, quando o crítico espanhol encarece a fonte de sinceridade do lirismo martiano. Nessas "obrecillas" (não sei por que me obsessiona Frei Luis, o outro catedrático de Salamanca, quando evoco a poesia singela de Martí) do lírico cubano, que êle chamou "Flores silvestres", encontro a mais deslumbrante razão para afirmar que era naturalmente poeta. Canta êle intimamente:

"Yo te quiero, verso amigo,
porque cuando siento el pecho
ya muy cargado y deshecho,
parto la carga contigo".

A propósito, eis aqui como termina, o místico do século XVI, aludido, uma Ode, imitando a Petrarca:

"Canción, estas visiones
causan en mí encendida
ansia de fenecer tan triste vida."

Outro ilustre comentarista de Martí oferece-me esta sugestão, tão de acôrdo com meu modo de sentir:

... "Bécquer, Rosalía de Castro y José Martí, encierran lo mejor de la lírica castellana del siglo XIX. Las "Rimas", las "Folhas novas" y los "Versos sencillos" son, a nuestro juicio, tres libros inseparables" (8).

*

O transcendente, a meu juízo, no poeta José Martí, é recoher o fruto histórico, esparso em sua obra. Para isto, é preciso, antes de seguir adiante, completar, ainda que em poucas linhas, o polimorfismo de sua atividade mental.

O gênio poético está presente no escritor. Está também no orador.

Um dos testemunhos mais unânimes, que até nós chegou, sobre a personalidade de Martí, diz respeito à sua portentosa qualidade de eloquência. Um contemporâneo seu nos informou que, ouvindo a Martí, cativado pela melodia, se escapava, à sua aten-

(7). — Manuel I. Mesa Rodríguez: "Letra y espíritu de Martí a través de su epistolario", Arquivo José Martí, número de homenagem, Havana, 1953, págs. 315 e seguintes.

(8). — Lázaro, Ángel: "Los versos sencillos de José Martí", Arquivo José Martí, Vol. 3, Havana, 1941, págs. 68 e seguintes.

ção, a trama das idéias. Uma vez anunciada, a palavra de Martí congregava público, ansioso por escutá-lo.

A côr da frase, qual uma aquarela viva e complexa da paisagem antilhana, embalada pelo ar do Caribe, a retórica seguindo o fogo de sua imaginação, deslumbrava os auditórios e a exuberância do verbo tropical não deixava entender os conceitos. O articulista tinha de aclarar, depois, a glosa do conferencista. Martí, estupendamente latino e americano, neste sentido, voltava a revelar-se como poeta.

Sim, Martí era um lírico, com tôda a sua operosidade de revolucionário. Tem, por isto, um pôsto destacado, nas letras castelhanas, como prosador e como poeta. Por isto, fêz, de seu patriotismo cubano, uma filosofia universal, e em cada metáfora sua, se esconde a aguda observação do momento histórico, e com a consciência do poeta, que é o homem que está certo de possuir a verdade.

Sua natureza amorosa o impeliu até o cultivo da literatura infantil. Fundou uma revista para crianças, que teve de interromper, por causa de um laicismo não compatível com o critério da censura ortodoxa católica.

Cultivou, também, a novela, o drama, a crítica de arte, as várias facetas de fecundo articulista.

*

Abordemos sua função histórica. E' evidente e a ela nos referimos, ainda que não tenha sido de modo direto.

Como negar a Martí o valor histórico do que deixou escrito?

A dificuldade está em separar ao historiador ou ao historicista, se se quer melhor, numa função particular, erudita, didática e investigadora, quando realmente isto não o foi, e sua agitada existência não lhe permitia empapar-se em arquivos e bibliotecas, para servir-se da pesquisa. Foi outra espécie de historiador. O que vive e faz a história. Sua obra é hoje uma fonte documental, inclusive para a história literária. Não o erudito da história, mas o artista da história. O poeta em função histórica. Ele mesmo é, hoje, para nós, uma personagem histórica.

Um discurso, lido pelo acadêmico cubano Juan J. Ramos y Rubio, na sessão comemorativa do nascimento de José Martí, em 1951, na respectiva corporação de História, divulga-se, agora, com grande acêrto, no número do centenário, dirigido por Félix Lizaso, que acaba de publicar-se. "La emoción histórica en la prosa de Martí" é o título que se deu à oração que hoje se publica. Pouco me parece a palavra "emoção"; muito, porém, é o que Ramos y Rubio pôs em seu estudo.

Para o insigne acadêmico, o historicismo de Martí é impressionista:

“Lo admirable y sugestivo, por lo original y elocuente, en Martí, reaccionando ante los personajes de la historia y ante la propia historia, es que él produce una verdadera recreación.” (9)

Ramos y Rubio considera Martí, historicista, se bem que fugindo de classificá-lo decididamente na escola de Dilthey. Possivelmente, Martí não estava inteirado dos estudos do teórico alemão, e seguimos o raciocínio de Juan J. Ramos, com o maior prazer. Mas não importa: o “efeito diltheyano” estava no ambiente da época.

“No fué Martí un historiador, en el sentido estricto que al término han dado clásicos y modernos; pero la emoción del hecho histórico y de los hombres con perspectiva histórica, no resbaló en su sensibilidad...”

Eu me atrevo a avançar mais, nas inteligentes insinuações do culto acadêmico. Martí não foi um historiador, como Unamuno não foi um filósofo. E volto à comparação com o autor de “La agonía del cristianismo”, porque parece que o tema se atualizou, ou se está atualizando. Unamuno não foi um filósofo, na perfeita concepção, apesar de ser o único filósofo da Geração de 1898; porque não nos deixou, nem um tratado de filosofia, nem uma doutrina filosófica original, nem seu dogmatismo criou uma escola. Unamuno é, como Martí, fundamentalmente, um poeta. Mas “fêz” filosofia. Temos de colhê-la, através de seus poemas, de suas novelas, de seus ensaios, de seus dramas. Martí, que tão pouco foi um historiador, “faz” história, ao largo de seus perfis, de suas biografias pictóricas, de seus escritos periodísticos, de seus discursos. Isto é o que aproxima ambos os pensadores. E como em Martí — vimo-lo — tudo está impregnado de poesia e há poesia própria, sua, que reflete o seu tempo, suas dores, suas ânsias, é êle o poeta-historiador, como Unamuno é o poeta-filósofo. E ainda me atreveria a aventurar mais. A obsessão de imortalidade de Unamuno, que é preocupação com a morte, se acha valorizada, em Martí, pela agonía histórica de seu anelo de liberdade e por seu continentalismo, que é a sua bandeira humanitária. Seu poema “Dos patrias” é a sua angústia de poeta, experimentando a triste realidade histórica: Cuba e a noite.

Desde os seus escritos “El presidio político en Cuba” e “La República española ante la revolución cubana”, que são os primeiros, cabe informar-se do arsenal de percepções históricas, derivadas em sua nervosa colaboração, pela imprensa da América, de norte a sul. Hoje, afortunadamente, podem captar-se, na or-

(9). — Ver o discurso citado, na publicação citada, págs. 380 a 399.

ganização editorial de suas Obras, com volumes dedicados a “Cuba”, “En los Estados Unidos”, “Hombres”, “Nuestra América”, etc.

Os mais sugestivos temas, até de história pré-colombiana, se encontram no acervo das crônicas de Martí. O indigenismo, a arte aborígene, o homem antigo da América, a cronologia pré-histórica americana. Deixou uma verdadeira galeria de pequenos esboços de personalidades, abundantíssima, de uma variedade assombrosa: pintores, políticos, poetas, educadores, militares, filantropos, ensaístas. Seus relevos de figuras anglo-americanas da época, é uma verdadeira riqueza bibliográfica. Seus comentários sôbre economistas e historiadores e novelistas, são documentos vivos.

E, sobretudo, se êste homem, não houvesse penetrado no momento histórico, palpitando com tôda a vida continental e assimilando os seus problemas, como haveria podido projetar esta luminosidade atual, por todo um hemisfério? Como poderia oferecer-se com a fertilidade com que se oferece, contando hoje uma extraordinária bibliografia a seu respeito? Como certo é também que subjuga o seu estudo literário, por haver pertencido a uma época crucial, entre o romantismo crepuscular e o realismo em germe, o que se adverte no remoinho de seu estilo artístico.

Tinha o neoplatonismo pela pátria e a inata vigilância pela realidade cotidiana. Era um Apóstolo, porque tinha o sentido místico da Liberdade e da Justiça humanas. Nunca se cristalizou em programas políticos nem sociais. No discurso de Juan J. Ramos, conclui-se pela emoção histórica de Martí, mas com estas frases:

“La emoción de la historia, la propia concepción del hecho histórico, las vivía Martí, porque en definitiva, tenía la conciencia de que él también hacia la historia y concebía lo que en el porvenir hubiera de ser carne de interpretación”.

*

Uma conclusão definidora, crítica, depreende-se dêste um tanto atropelado perfil de Martí. Foi um singular fenômeno que, possivelmente, só na América pôde produzir-se. Nesta América de novas inquietações. Suas idéias distilaram-se no alambique de seu sentimentalismo latino-americano. Um poeta, em função de revolucionário e de polemista. Ingênuo, às vêzes, em sua poesia, por ser alma sonhadora. Humano no magistério, sensualista no amor, indisciplinado em sua febre de pensar, audaz em seus atos, generoso sem limites, e com um cego amor pagão pela terra que o viu nascer e morrer, de volta ao lar, pelo caminho do sacrifício. Amou Cuba, como a uma mulher e em seus braços morreu ensangüentado.

Resta-me acrescentar que, como espanhol, aprendi a admirar esta figura, com os anos, e, talvez sem eu sabê-lo, subi à sua com-

preensão, pelos degraus das próprias experiências. Pertencço a uma geração que, em sua primeira juventude, recebia os ecos do desastre colonial da Espanha. Hoje, compreendo melhor, muito melhor, a Martí. E o vejo também como um filho de uma Espanha eterna, que também tem uma história, feita com anelos de Liberdade.

LUÍS AMADOR SÁNCHEZ

Professor da Cadeira de Língua e Literatura Espanhola e Literatura Hispano-americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.